

## PRÁTICAS COM FAMÍLIAS DE ADOLESCENTES TRANS E NÃO-BINÁRIOS

No dia 25 de novembro 2023, aconteceu no Instituto de Terapia Familiar de São Paulo (ITFSP) o evento intitulado *Práticas com Famílias de Adolescentes Trans e Não-Binários*. O evento teve como foco trazer contribuições, para a comunidade de terapeutas, acadêmicos e familiares, por meio de programações envolvendo profissionais que atuam com crianças e adolescentes trans e não-binários e suas famílias, na cidade de São Paulo. O evento contou, ainda, com a participação de um pesquisador internacional, bem como com a presença de familiares e jovens transgêneros e não-binários, os quais relataram seus processos relacionais envolvendo a transição de gênero.

A compreensão de gênero adotada em todo o evento parte de leituras críticas, não biologizantes, as quais circunscrevem tal entendimento a um dado momento histórico, atravessado por disputas que perpassam instituições construtoras de discursos. Para citar uma importante referência a esse respeito, destacamos Judith Butler, a qual entende que tanto gênero quanto sexo são construtos historicizados, os quais respondem a performances e expectativas. Mais que isso, a autora enfoca na compulsoriedade de tais performances, obstáculo significativo para processos de ressignificação e compreensão de gênero como construção social (Butler, 2010).

É válido mencionar que o ITFSP tem se debruçado em letramentos identitários, dentre eles o de gênero, para o desenvolvimento de competências de terapeutas em formação, sejam essas pessoas atuantes como coterapeutas ou como Equipe Reflexiva. Além dos atendimentos que acontecem no desenvolver das aulas com terapeutas em formação, há a oferta da Clínica Colaborativa, um espaço reservado para que alunas, alunos e alunes do ITFSP sigam aprimorando suas habilidades como terapeutas, em uma atividade extracurricular da formação.

Seja nos espaços de atendimentos em aula, seja como demanda da Clínica Colaborativa, temos recebido, com maior frequência, famílias com adolescentes e jovens trans ou não-binários, o que reflete diferentes fenômenos sociais. Dentre eles, cabe ressaltar a validação e o reconhecimento, por parte das famílias, de outras expressões de gênero para além da cisnormativa. Tal fenômeno não é distante dos desafios relacionais que essas expressões podem trazer para as famílias, no entanto destacamos a preocupação dessas famílias em relação à saúde, quando compreendem a importância de buscar por terapia familiar, valorizando esse campo como um espaço de acolhimento e orientação.

Dito isso, é importante, como integrantes da comunidade de terapeutas familiares, nos questionarmos o quanto estamos envolvidas nos debates de gênero. O que nos leva a outras perguntas: como temos praticado nossa ética relacional quando o tema é potencialmente desafiador? Como temos contribuído para

**DOMITILA SHIZUE  
KAWAKAMI  
GONZAGA**

*Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia  
da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto - USP,  
São Paulo, SP, Brasil*

responder a esses pedidos que as famílias têm nos feito, para que cuidemos dessas interações e relações, a partir de compromissos éticos que firmamos com nossa profissão e com as pessoas? Como podemos cuidar da pessoa da terapeuta, em termos de ética de conteúdo, para que não sejamos nós mesmas opressoras, mesmo que de forma inadvertida?

Dessa maneira, o evento do ITFSP buscou contribuir com as comunidades de terapeutas, acadêmica e de famílias, para que estejamos sensibilizadas à temática e aos desafios e potencialidades relacionais que envolvem famílias com adolescentes e jovens não-binários.

A programação do evento aconteceu durante todo um sábado, de forma híbrida, sendo a gravação e a captação de áudio um ponto de atenção da nossa parte, para que as pessoas que estivessem participando de forma remota desfrutassem de som e imagem de qualidade, sendo assim, as gravações foram feitas por uma equipe profissional.

A intenção do evento foi criando corpo logo depois do convite do pesquisador francês Nicolás Rabain, o qual na Argentina e na França com grupo multifamiliares de jovens e adolescentes trans e não-binários, para conhecer como o ITFSP tem articulado e desenvolvido práticas com esse grupo. Além disso, era interesse do pesquisador saber um pouco mais sobre a rede de serviços da cidade de São Paulo para tal população.

Tratando de serviço prestado à comunidade trans, a presença do pesquisador e professor do Instituto de Psiquiatria, Alexandre Saadeh, foi de extrema relevância. Saadeh tem trabalhado com essa população, na cidade de São Paulo, de forma inovadora e pioneira há décadas, ofertando no Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS), do IPq-HCFM/USP, serviços com equipe multidisciplinar. Jovens e adolescentes trans podem encontrar, nesse espaço, acompanhamento clínico e terapia hormonal, além de orientação e realização da transexualização, e a atenção ao longo do período de espera pela cirurgia.

Apesar do maior interesse pelos serviços coordenados por Saadeh advir da população trans jovem e infantil, sua atuação está sob vigilância de grupos conservadores e reacionários. Recentemente, Saadeh respondeu à uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) contrária aos procedimentos realizados no ambulatório, tendo sido acusado de transformar crianças. Tais acontecimentos reforçam a importância do evento promovido pelo ITFSP, que também se posiciona como uma resistência à ideia de “ideologia de gênero”, sendo essa expressão marcada por cruzadas transnacionais e nacionais (Prado & Correa, 2018).

O evento também foi mobilizado por uma roda de conversa com pessoas responsáveis por serviços, na cidade de São Paulo, e que atuam junto a essa população. Em uma mesa composta por serviços de Políticas Públicas e outros que oferecem cuidados gratuitamente, pudemos construir um momento de trocas de experiências, reflexões e uma rede de apoio e encaminhamentos. Entre as entidades presentes à mesa, contamos com: representantes do Canto Baobá, um espaço especializado em saúde mental e diversidade, com ênfase no enfrentamento às violências estruturais; uma representante do Centro de Referência de Saúde Integral para a População de Travestis e Transexuais (CR POP TT), sendo esse o primeiro centro de Atenção Secundária de São Paulo, habilitado pelo SUS, portanto uma Política Pública; e uma representante de pesquisas realizadas pela UNIFESP, dentro do campo da Terapia Familiar, a qual abordou a importância de reverenciar a Terapia Familiar como um espaço potente para o desenvolvimento de reflexões e práticas no escopo dessa temática.

Além de profissionais e pesquisadores, o evento também contou com depoimentos de familiares e jovens trans e não-binários, os quais relataram suas vivências e reflexões sobre seus processos de transição. Seguramente, esse foi um momento marcante do encontro, que foi composto também por representantes do Mães pela Diversidade, uma associação e organização não governamental, que reúne mães e pais, na sensibilização de agentes de saúde, do judiciário e do legislativo, e na divulgação de informações e depoimentos. As mães, integrantes da associação, são também o que podemos denominar de *especialistas por experiência* (Rasera, Gonzaga & Guanaes-Lorenzi, 2020), ou seja, pessoas que, por experiência de vida, podem dar depoimentos importantes sobre determinados temas.

Essa roda de conversa contorna o que chamamos de *Comunidade de Fala*. Foi um momento em que especialistas, por experiência, se dedicaram, com vulnerabilidade e coragem, a compartilhar, com demais pessoas, os seus próprios processos. Além das Mães pela Diversidade, estiveram presentes familiares e jovens trans e não-binários que tinham algum vínculo com o ITFSP. Para que pudéssemos contar com depoimentos provenientes de diferentes atores dentro da família, recebemos, durante o evento, uma avó, pais, mães e jovens, destacando diferentes posições que se pode ocupar na família multigeracional, conforme aponta Andolfi (2023).

Para finalizar esse encontro, Nicolás Rabain compartilhou suas impressões sobre o que percebera durante o encontro. No decorrer do dia, o pesquisador pode contar sua trajetória de sensibilização ao tema, haja vista sua experiência anterior com grupos multifamiliares sobre outras temáticas, e como essa sensibilização pode ajudar no cuidado de jovens trans e seus familiares. Com experiência na Argentina e na França, Nicolás relatou ficar impressionado com o modo como o Brasil está à frente dos países em que já atuou em termos de políticas, reflexões e ações voltadas a essa temática. Brincando, ele disse que nem parecia que estávamos em 2023, pois já contávamos com muitos avanços à frente daquilo que ele conhecia. Esses avanços estão relacionados tanto às nossas políticas públicas que lidam com essa população, promovendo saúde mental, quanto ao fato de contarmos, no nosso país, com figuras de representatividade em cargos importantes, como deputadas, intelectuais e artistas, ícones de música popular e atrizes, figuras com as quais a população jovem pode se identificar e se imaginar no futuro.

Dentre as falas das famílias, é válido mencionar o depoimento de uma mãe de um adolescente trans, a qual relatou sobre como todo o processo de transição de seu filho foi um resgate e uma reafirmação do amor que ela sente por ele. Entendemos que esse amor conta, também, sobre processos importantes, como aceitação das diferenças, legitimação dos processos de decisão, diminuição das expectativas e respeito às pessoas.

Essas impressões puderam reforçar o sentimento, reportado por um dos adolescentes trans presente no evento, a respeito de como o evento contava sobre a construção de um mundo no qual ele pudesse existir. Essa fala também traz o que está ausente, mas implícito, sobre o mundo que vivemos atualmente. Em comum, familiares e adolescentes contaram experiências de violência e agressões motivadas pela transfobia.

Um mundo utópico, no qual todas as pessoas possam coexistir, no qual as diversidades possam ser apresentadas não *apesar* delas, mas que as próprias maneiras diversas de existir sejam celebradas, é um desejo que foi compartilhado nesse encontro. De alguma forma, o evento também se tratou de um processo de construção de uma epistemologia da diversidade que ultrapasse os binarismos tão cruéis ao processo de construção de subjetividades.

A impressão de que agimos de forma solitária, como “agulha no palheiro”, pode nos inundar quando, como terapeutas, estamos frente a situações desafiadoras, com temáticas polarizadas e atravessadas por juízos morais que atrapalham nossas próprias construções de sentido sobre determinados temas. Entendemos que esse evento foi capaz de articular uma rede valiosa e inovadora no Brasil e no mundo; mais que isso, pode sensibilizar as pessoas participantes com a sensação de comunidade.

Atuar de maneira conectada com a ética relacional e de conteúdo é um valor importante para o ITFSP, já que queremos, ao mesmo tempo, cuidar das pessoas com quem nos relacionamos nas atuações clínicas (ética relacional) e cuidar de como temos significado o mundo como terapeutas (ética de conteúdo). Entendemos que se posicionar de forma ética e comprometida com os processos de transformação social envolve estarmos atentas, como comunidade de terapeutas, às transformações e atualizações de discursos e seus efeitos nos processos de subjetivação e nas relações.

## REFERÊNCIAS

- Andolfi, M.** (2023). *A terapia familiar multigeracional. Instrumentos e recursos do terapeuta*. Belo Horizonte: Artesã Editora.
- Butler, J.** (2010). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Prado, M. A. M., & Correa, S.** (2018). Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. *Revista Psicologia Política*, 18(43), 444-448. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300003&lng=pt&tlng=pt).
- Rasera, E., Gonzaga, D. S. K., & Guanaes-Lorenzi, C.** (2020) A Pesquisa com “especialistas por experiência” na literatura psi: Desafios da democratização na produção de conhecimento. In M. S. Moscheta, L. V. e Souza, E. F. Rasera., (Org.). *A dimensão política do pesquisar no cotidiano*. (pp. 146-168). 1ed. São Paulo: Letra e Voz.

---

## DOMITILA SHIZUE KAWAKAMI GONZAGA

Psicóloga e mestra em Educação Especial pela UFSCar. Doutora com dupla titulação pela Universidade de São Paulo (USP – Ribeirão Preto, SP) e pela Universidade do Porto (Portugal). Tem especialização em Terapia Familiar e de Casal Sistêmica, pela UNIFESP/SP, e é certificada pelo Certificado Internacional de Práticas Colaborativas e Dialógicas (ICCP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6465-1011>

E-mail: [domitila.psicologa@gmail.com](mailto:domitila.psicologa@gmail.com)